

AVALIAÇÃO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: PROVOCAÇÕES DE ARMADINHO E MAFALDA

EVALUATION IN COMICS: PROVOCATIONS OF ARMANDINHO AND MAFALDA

EVALUACIÓN EN LAS HISTORIETAS: PROVOCACIONES DE ARMANDINHO Y MAFALDA

Rejane de Oliveira Alves

Doutora em Educação. Professora Adjunto Efetivo da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), Salvador, BA, Brasil. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação para Aprendizagem (FACED/UFBA)
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4632-0013>
E-mail: rejane.alves@ufba.br

Edna Telma Fonseca e Silva Vilar

Doutora em Educação. Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), Salvador, BA, Brasil. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação para Aprendizagem (FACED/UFBA)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2719-9289>
E-mail: edna.telma@ufba.br

Pietro Matheus Bompét Fontoura Alves

Licenciando em Computação. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil. Pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação para Aprendizagem (FACED/UFBA)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8034-6014>
E-mail: pietro.bompét@ufba.br

RESUMO

Este estudo discute dois conceitos relacionados à Avaliação — avaliar e examinar —, a partir da análise exploratória de histórias em quadrinhos (HQ). Enquanto avaliar está vinculada às ações de acompanhamento e de mediação e comprometida com as aprendizagens, o conceito de examinar se refere aos atos pontuais de verificação e constatação de “verdades” em termos de aprendizagem. Este gênero textual funciona como sátira aos acontecimentos cotidianos e permite uma análise crítica sobre temáticas, situações e eventos. Deste modo, a partir de uma pesquisa exploratória, elencamos alguns quadrinhos com os personagens Armandinho e Mafalda, a fim de analisarmos a prevalência do ato de avaliar ou de examinar, associados a elementos como: seleção, mensuração, treinamento, repetição, memorização, notas escolares, juízos de valor, processo e critérios de avaliação. Em suma, foi possível concluir que a análise da Avaliação, a partir de HQ, contribui para: convidar educadores/as à reflexão sobre as possíveis mudanças no ato avaliativo, de modo a evitar a repetição de práticas tradicionais de Avaliação focadas em exames, notas e resultados; “comprovar” algumas práticas examinatórias; tensionar o ato avaliativo como lupa sobre a própria prática, ao enfatizar a possibilidade de aprendizagem da Avaliação. As HQ apresentam potencial para discussão, problematização, confrontação e criticidade de uma realidade e podem ser utilizadas com diversos públicos e finalidades, inclusive para discutir concepções, construir conceitos e fomentarmos a aprendizagem da Avaliação.

Palavras-chave: Avaliação para aprendizagem; Educação; Histórias em quadrinhos.

ABSTRACT

This study aims to discuss two concepts related to Evaluation — to evaluate and to examine —, from the exploratory analysis of comics. While evaluating is linked to monitoring and mediation actions and is committed to learning, the concept of examining refers to specific acts of verification and verification of “truths” in terms of learning. This textual genre works as satires to events and allows a critical analysis of themes, situations, and everyday events. Thus, from an exploratory research, we list some comics with the characters Armandinho and Mafalda, in order to analyze the prevalence of the act of evaluating or examining, associated with elements such as selection, measurement, training, repetition, memorization, school grades, value judgments, process and evaluation criteria. In summary, it was possible to conclude that the analysis of the Evaluation, from comics, contributes to: invite educators to reflect on the possible changes in the evaluation act, in order to avoid the repetition of traditional Evaluation practices focused on exams, notes and results; “prove” some examining practices; tense the evaluative act as a magnifying glass over the practice itself, shedding light on the possibility of learning the Assessment. The comics have the potential for discussion, problematization, confrontation and criticism of a reality and can be used with different audiences and purposes, including to discuss concepts, build concepts and promote the learning of Evaluation.

Keywords: Learning assessment; Education; Comics.

RESUMEN

Este estudio discute dos conceptos relacionados con la evaluación — evaluar y examinar —, a partir del análisis exploratorio de historietas. Mientras evaluar está vinculado a las acciones de seguimiento y de mediación y comprometido con los aprendizajes, el concepto de examinar se refiere a actos puntuales de verificación y constatación de “verdades” en términos de aprendizaje. El género textual historieta funciona como sátira a los acontecimientos cotidianos y permite un análisis crítico sobre temáticas, situaciones y eventos. De esa manera, a partir de una investigación exploratoria, seleccionamos algunas tiritas con los personajes Armandinho y Mafalda, con el fin de analizar el predominio del acto de evaluar o examinar, asociados a elementos como: selección, medición, entrenamiento, repetición, memorización, calificaciones escolares, juicios de valor, proceso y criterios de evaluación. En síntesis, fue posible concluir que el análisis de la evaluación a partir de los cómics contribuye para invitar a los educadores a una reflexión sobre posibles cambios en el acto de evaluar, de forma a evitar la repetición de prácticas tradicionales de evaluación dirigidas a exámenes, notas y resultados; “comprobar” algunas prácticas de examen; presionar el acto de evaluación como una especie de lupa sobre su propia práctica, al enfatizar la posibilidad de aprender sobre la evaluación. Las historietas tienen potencial para discusión, problematización, confrontación y crítica de una realidad y pueden ser utilizadas con diversos públicos y finalidades, incluso para discutir concepciones, construir conceptos y estimular el aprendizaje de la evaluación.

Palabras-clave: Evaluación para el aprendizaje; Educación; Historietas.

AVALIAÇÃO E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

A discussão sobre a Avaliação para Aprendizagem é mobilizada neste texto em articulação com as histórias em quadrinhos (HQ). Justificamos tal opção em função do potencial que as narrativas em quadrinhos apresentam como portadoras de sentidos para uma discussão necessária e atual em que a concepção de avaliar precisa ser contraposta a de examinar.

O estudo da Avaliação, a partir da utilização de histórias em quadrinhos, surgiu da experiência de trabalhos formativos que temos realizado no âmbito da regência, enquanto docentes da Graduação em cursos de Licenciatura, bem como na realização de formações em diálogo com educadores/as das Redes de Educação Estadual da Bahia e Municipal de Salvador. Nestas vivências temos trabalhado acerca das representações sobre Avaliação, mediados por textos acadêmicos e não-acadêmicos, optando-se por aprofundar os conceitos de “avaliar” e “examinar”.

Vale salientar que o termo história em quadrinhos se refere às “histórias constituídas de um ou mais quadros em que a imagem e o texto - na maioria das vezes - contribuem igualmente para a narrativa” (CARVALHO, 2017, p. 156-7). Tal conceito é corroborado também por Vergueiro (2009) ao evidenciar o que une e especifica a dimensão de produção das histórias em quadrinhos, caracterizando-as como “Arte Gráfica Sequencial”.

Carvalho (2017), ao apontar as HQ como campo de produção cultural e de/para pesquisas como objetos e/ou fontes, ampliou, sobremaneira outras dimensões que constituem o amplo espectro desse complexo objeto de estudo investigado por pesquisadores das áreas de Arte, Comunicação, Letras, Pedagogia, dentre outras.

Na mesma direção, corrobora Ramos (2009) ao considerar que as HQ se constituem um “hipergênero” que agrega quadrinhos com diversas configurações e que podem ser veiculados em suportes editoriais e formatos variados, a exemplo dos jornais, revistas, livros, internet - suporte que veicula os quadrinhos aqui utilizados como *corpus* analítico. Com efeito, a ampla divulgação dos quadrinhos, potencializada pela internet, além de provocar interlocuções várias, fez igualmente circular problemáticas contemporâneas a ponto de provocar, inclusive movimentos de contestação seja por meio de tentativas de censura ou mesmo a constituição de redes de apoio aos que os produzem, a exemplo do que aconteceu com o cartunista brasileiro Alexandre Beck.

Considerando-se que o nosso campo de atuação e investigação é o da formação docente, campo que se volta para a *aprendizagem ensino* (ESTEBAN, 2003), em consonância com a temática central da discussão — Avaliação para aprendizagem —, cabe enfatizar a articulação pretendida com as HQ, vistas como contexto que se integra a um movimento que favorece o que se encaminhou como percurso teórico-metodológico, para pautar essa discussão que se faz necessária com vistas a promover compreensões acerca do que

diferencia a ação de avaliar ao ato de examinar.

Nesse contexto, delimitou-se neste estudo o uso dos quadrinhos como fontes com potencial para desencadear a discussão formativa tendo como referência problematizações provenientes da área da Avaliação em relação a concepções/representações que perduram e que, por vezes, se aproximam ou se distinguem do ato de avaliar, em contraposição ao ato de examinar. A viabilidade do estudo adveio de pesquisadores como Vergueiro e Ramos (2009), autores que investigam o uso das HQs na escola há mais de uma década. Eles indicam inserções desses recursos em materiais didáticos, bem como em documentos curriculares, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN e, contemporaneamente, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC. A partir disso, propomos a ampliação dessa discussão para a formação de professores/as.

Vistos como infantis, massificados, muitas vezes em função do meio que os fez circular, a exemplo do jornal, os quadrinhos foram reafirmados como produtos que acompanharam as transformações do seu tempo, portanto históricos e sociais, o que permite situá-los para além de um gênero ou integrantes do que se convencionou denominar de *Nona Arte*, dada sua relevância.

A saber, definimos as histórias em quadrinhos como objeto de análise articulado ao tema da Avaliação, porque vivenciamos experiências em contexto de formação de professores/as no qual trabalhamos com este gênero quadrinístico e, em tais ocasiões, o que mais geraram inquietações foram as narrativas gráficas sequenciais (VERGUEIRO; SANTOS, 2012), de Armandinho e de Mafalda, o que nos motivou a aprofundar as discussões acerca do ato de avaliar e de examinar. No entendimento de Vergueiro e Santos (2012, p. 88) “a história em quadrinhos, por seu caráter icônico, acrescenta informações visuais ao elemento verbal” que podem servir como disparador de estudos mais aprofundados de determinados temas e áreas.

Diante do exposto, a questão de pesquisa foi estruturada nos seguintes termos: “Como explorar a temática da Avaliação por meio das histórias em quadrinhos?”. O principal objetivo desta investigação foi analisar os conceitos de avaliar e examinar a partir das histórias em quadrinhos de Armandinho e Mafalda. Tendo por base essas duas concepções centrais para a Avaliação, buscamos explorar outros temas ligados à área e que, recorrentemente, vem sendo associados às concepções de examinar, tais como:

seleção, mensuração, treinamento, repetição, memorização, notas escolares, juízos de valor ou; avaliar que implica: processo, acompanhamento e critérios de Avaliação.

A Metodologia que utilizamos foi a pesquisa exploratória que está embasada nos seguinte princípios: “1) a aprendizagem melhor se realiza quando parte do conhecido; 2) deve-se buscar sempre ampliar o conhecimento e 3) esperar respostas racionais pressupõe formulação de perguntas também racionais” (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995, p. 320). Nestes termos, buscamos explorar o tema central da Avaliação nas histórias em quadrinhos e ampliar o conhecimento acerca das concepções de avaliar e examinar.

A compreensão da Avaliação para Aprendizagem com a qual trabalhamos está pautada na concepção de avaliar ao invés de examinar. Enquanto avaliar implica um conjunto de ações em um processo contínuo de acompanhamento e envolve mediação para que as aprendizagens sejam construídas, o ato de examinar é pontual e tem como objetivo verificar quais aprendizagens foram construídas, marcar a “não aprendizagem” e apresentar resultados do que foi aprendido.

As histórias em quadrinhos como recursos e(m) potencial para a Avaliação

As histórias em quadrinhos são textos que aliam imagem e escrita na “relação palavra-imagem – a verbovisualidade” (XAVIER, 2017, p. 2) com caráter argumentativo, crítico, provocativo no âmbito das narrativas existentes. Segundo Xavier (2017), antes mesmo da explosão da tecnologia digital, esse tipo de gênero textual já fazia parte do cotidiano das gerações em forma de gibis, tanto no que se referem aos heróis da Marvel quanto em relação aos gibis da Turma da Mônica. A autora detalha um panorama histórico acerca da história dos quadrinhos, desde a década de 1900, que não aprofundaremos nesta escrita, mas que é oportuna a leitura para estudiosos deste gênero textual.

A utilização das histórias em quadrinhos podem favorecer tanto o estudo da Avaliação da Aprendizagem, quanto a Aprendizagem da Avaliação, dimensão pouco considerada, conforme nos provocou Luckesi (2011) ao afirmar que aprendemos com a Avaliação que praticamos, de modo que sejamos provocados a construir novas práticas avaliativas — a partir das perspectivas formativas, dialógicas e emancipatórias. E nesse sentido, foi que elegemos as histórias em quadrinhos dos personagens Armandinho e Mafalda.

Os quadrinhos de Armandinho foram criadas em 2000 pelo ilustrador e cartunista brasileiro, nascido em Santa Catarina, Alexandre Beck, formado em Agronomia e Comunicação Social. Segundo Beck¹, quando trabalhava no jornal Diário Catarinense, atendendo a um pedido de um colega repórter, criou uma tira para uma matéria que seria publicada sobre como pais poderiam tratar assuntos de Economia com seus filhos. Foi nesta experiência que nasceu Armandinho, um menino de cabelo azul, contestador, que apresenta temas polêmicos, principalmente discutindo questões sociais com um adulto (representado no quadrinho pelas pernas, como se fosse a figura do pai).

As histórias em quadrinhos de Mafalda foram criadas em 1964, pelo argentino nascido em Mendoza, Joaquín Salvador Lavado Tejón, conhecido como Quino, que é um pensador, historiador gráfico e criador de banda desenhada. Em entrevista concedida ao Portal Terra², por ocasião dos 50 anos da criação do quadrinho, Quino afirma que Mafalda é uma menina de seis anos de idade, que odeia sopa, adora os Beatles e o desenho Pica-Pau, é questionadora do mundo à sua volta e cria diálogos com outros personagens crianças e adultos.

Com efeito, as histórias em quadrinhos apresentam potencial para fomentar a participação, discussão e, em consequência, compreensões, transformações, as quais se vislumbram por meio desse movimento, em relação à Avaliação para Aprendizagem. De modo geral, as histórias em quadrinhos podem trazer à tona questões que dividem opiniões, por isso a consideramos o gênero textual apropriado para a discussão que aqui se pretende, pautando as concepções de avaliar e examinar que se contrapõem.

Justificamos a opção pelas histórias em quadrinhos de Armandinho e Mafalda, elegendo-se os personagens dos seus respectivos autores: o brasileiro Alexandre Beck e o argentino Quino, por considerar que a temática de base à discussão empreendida neste artigo — A Avaliação para Aprendizagem — ultrapassa escalas espaço-temporais, uma vez que não se limita ao local nem a uma temporalidade específica; de modo que o local, o nacional e o global, passado e presente, *teoriaprática* (ESTEBAN, 2003) podem ser articulados e problematizados. Ademais, avalia-se que os quadrinhos de Armandinho e

¹ Entrevistado em 20 de abril de 2016 pelo Diário Santa Maria. Disponível em: <https://diariosm.com.br/cultura/alexandre-beck-o-pai-do-armandinho-conta-sobre-o-processo-de-cria%C3%A7%C3%A3o-do-personagem-e-dos-di%C3%A1logos-1.2030480>. Acesso em: 30 abr. 2020.

² Entrevista concedida por Quino em 14 de março de 2014 ao Portal Terra. Disponível em: <http://diversao.terra.com.br/arte-e-cultura/mafalda-faz-50-anos-quino-diz-que-e-so-mais-um-desenho,5e05151182cb4410VgnCLD2000000dc6e0aRCD.html>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Mafalda se apresentam aos/as educadores/as com possibilidades de provocar discussões de temáticas que podem ampliar a criticidade e a compreensão acerca das práticas avaliativas.

Nossa compreensão de Avaliação para Aprendizagem implica no ato pedagógico e político que envolve tomada de decisões para melhoria do processo de aprender e de ensinar, por esse motivo optamos por utilizar o termo *aprendizagemensino* (ESTEBAN, 2003). Defendemos a terminologia Avaliação para Aprendizagem, ao invés de Avaliação da Aprendizagem, consentindo com Villas Boas (2019) que a primeira nos projeta para o futuro, portanto para a contínua construção das aprendizagens (do/a educando/a e do/a educador/a); já a segunda, refere-se ao conhecimento já construído no passado e que passa a ser objeto de análise. Assim, compreendendo que as instituições educacionais estão sempre preocupadas com as aprendizagens construídas, mas também investem na continuidade e ampliação destas aprendizagens é que podemos utilizar a definição **Avaliação da/para Aprendizagem**.

Portanto, não há um momento à parte para avaliar, como muitos pensam “primeiro eu ensino e depois eu avalio”, tampouco realizar as conhecidas “semanas de avaliações”. Isso é um equívoco, pois à medida que ensinamos, já devemos estar atentos aos indícios de aprendizagens, conseqüentemente, devemos estar avaliando, seja com a utilização da modalidade de Avaliação Formal ou Informal.

Torna-se fundamental compreender a Avaliação como momento plural de acompanhamento das aprendizagens e a permanente observação da própria prática. Para avaliar utilizando critérios na Avaliação Formal, podemos fazer uso de atividades escritas, construção de cartazes, mapas conceituais ou mentais, produção textual, relatório, portfólio, diário, formulários ou quaisquer instrumentos/procedimentos conhecidos e validados pela comunidade escolar. Afinal, quanto mais diversas são as estratégias para Avaliação, maior possibilidade temos de ver/perceber, sob uma lente ampliada, as aprendizagens.

Quanto aos critérios da Avaliação Informal, podemos avaliar a participação (oral, escrita, individual e/ou coletiva), assiduidade, organização das atividades, articulação com a turma, análise crítica, contextualização do conteúdo trabalhado, objetividade e clareza na argumentação/problematização e outros definidos coletivamente.

A Avaliação Informal é muito potente e pode oferecer para o/a educador/a múltiplas indicações acerca das necessidades de aprendizagens, favorecendo, portanto, o (re)planejamento das práticas avaliativas formais, como por exemplo, alterar a metodologia de *aprendizagem ensino* e até diversificar os instrumentos/procedimentos avaliativos. É pela Avaliação Informal, principalmente, que fazemos o acompanhamento diário da construção e desenvolvimento das aprendizagens pelo fato de observarmos como o/a educando/a aprende (se é mais ouvindo, falando, anotando, exemplificando, problematizando) e buscamos estabelecer as mudanças necessárias para maximizar as potencialidades, isto é, para que aprenda sempre mais.

Vale ressaltar que a Avaliação também deve e pode favorecer as aprendizagens do próprio profissional da Educação que pode olhar para as práticas avaliativas que vêm desenvolvendo e perguntar a si mesmo: estou avaliando ou examinando? Sendo assim, esta pesquisa pretende contribuir com estudos sobre os processos avaliativos e suas implicações na aprendizagem dos sujeitos envolvidos.

A aprendizagem da Avaliação a partir das histórias em quadrinhos

Acrescente-se às justificativas apresentadas anteriormente, a utilização das histórias em quadrinhos corresponde a busca por indícios ou possibilidades de trabalho com o tema da Avaliação, superando o formato expositivo oral ou o modo dialogal. Isto porque as HQ também funcionam como recursos importantes para trabalharmos a criticidade e explorarmos pontos tênues e até contraditórios referentes ao objeto investigado — a Avaliação e suas nuances.

A viabilidade deste estudo passou por algumas etapas, a saber: escolha dos temas mais recorrentes de discussão, no âmbito dos estudos e das formações que temos realizado sobre Avaliação, em consonância com as histórias em quadrinhos mais polêmicas ou mais instigadoras para a discussão teórica. Após cruzarmos essas informações, discutimos, em grupos e espaços diferentes, os mesmos temas e observamos que uma história em quadrinhos é explorada de forma diferente e adversa a depender do contexto educacional e do papel de cada agente educativo (educando/a, educador/a, coordenador/a, gestor/a).

As discussões, provadas pelas histórias em quadrinhos de Armandinho e Mafalda, anunciaram as nuances da Avaliação de modo que o processo de avaliar *versus* o de examinar foi melhor compreendido, sendo também associados elementos como seleção, mensuração, treinamento, repetição, memorização, notas escolares, juízos de valor, processo, critérios avaliativos, aos quais passaremos a explorar analiticamente.

A potência da linguagem ou das histórias em quadrinhos foi destacada por Marino (2018) ao apresentá-las como elemento potencializador no processo de alfabetização de milhares de sujeitos, a partir da divulgação de conteúdos relacionados à Educação, História, Política e Filosofia. Com as histórias em quadrinhos, essa potencialidade é reafirmada, inclusive para promover a discussão acerca da escola no que se refere às tensões entre seus principais sujeitos — o/a educador/a e o/a educando/a —; as práticas, a exemplo da alfabetização e a Avaliação, das ditas tradicionais ou modernas; as finalidades da Educação em suas contraposições, envolvendo o que se pretende, mas também o que se depreende sob os olhares e questionamentos atentos de personagens-crianças (Armandinho e Mafalda) que dão voz e vez as suas vivências.

As histórias em quadrinhos selecionadas para este trabalho foram guiadas pelos seguintes critérios: provocar maior intensidade de discussão nas atividades de formação de educadores/as por veicularem, de forma implícita ou explícita, aspectos referentes ou referidos à Avaliação da/para Aprendizagem; sugerir interpretações contraditórias, seja por meio de imagens, contextos, enunciações, além dos elementos ou ideias-chaves, vinculadas à concepção de avaliar ou examinar; provocar inquietações consensuais em sujeitos educativos diferentes (educador/a e educando/a).

Ressalta-se que a Avaliação pode estar sendo referida como prática ou representação, a qual se associa uma dada concepção, não necessariamente lida por exclusão, uma vez que uma determinada prática pode revelar indícios de que em alguns momentos avalia-se e, em outro, examina-se. Ademais, nas análises apresentadas, atenta-se para a indicação de que nem sempre a representação é da ordem do explícito, por várias razões, inclusive a condição de não ser, mas de estar no lugar de algo, portanto requerendo identificações e leituras; e ainda por não ser(em) a(s) representação(ões) tão transparentes ou conscientes para os sujeitos na perspectiva de que estão na base de suas atuações.

Nas análises, seguiu-se a dinâmica de caráter qualitativo e interpretativo de um *corpus* constituído por histórias em quadrinhos de Armandinho (do brasileiro Alexandre Beck) e de Mafalda (do argentino Quino). Tanto Armandinho quanto Mafalda têm em comum o senso crítico e problematizador capaz de tirar o adulto “do eixo”, notadamente, por meio de questionamentos ditos polêmicos, ainda não resolvidos, ao que acrescentaríamos, que ainda permanecem em práticas ou representações que podem constituir empecilhos a compreensão dos fatos e transformação de realidades.

Por fim, destaca-se que o horizonte teórico-analítico escolhido para a discussão aqui é o da Avaliação em suas relações e distinções entre as concepções de avaliar e examinar. Para tanto, recorreremos aos autores que discutem esta temática, tais como Luckesi (2011; 2014; 2018), Villas Boas (2007; 2011; 2019), Esteban (2003; 2006), Hoffmann (2014) e Saul (2010), além de outros estudiosos da área.

Com efeito, há muitas contradições entre o que se defende (do ponto de vista teórico da Avaliação) e efetivamente se desenvolve (como esta Avaliação é praticada nos ambientes educativos). Caracteriza-se como uma linha tênue entre os ditos e os não-ditos da Avaliação, conforme passamos a analisar a partir da exploração de histórias em quadrinhos que, de alguma forma, trazem à tona os elementos indispensáveis na discussão da temática da Avaliação.

Entre os ditos da Avaliação é comum a compreensão a partir da ideia de avaliar se houve aprendizagem após um processo de ensino. Contudo, esse pensamento é incompatível com a concepção de avaliar, como já afirmamos antes, corresponde ao ato de examinar. Postulamos que os ditos da Avaliação apareçam com caracterização própria, a depender do teórico estudado: avaliação diagnóstica (LUCKESI); avaliação emancipatória (SAUL); avaliação formativa (VILLAS BOAS); avaliação mediadora (HOFFMANN); avaliação dialógica (ROMÃO); entre os não-ditos da Avaliação existem a tentativa de atribuição de valores como definidores de uma qualidade desejada e imposta por órgãos externos às instituições de Educação, estabelecimento de métricas para caracterizar as aprendizagens dos/das educandos/as e mensuração dos conhecimentos trabalhados.

Nuances da Avaliação nas histórias em quadrinhos: entre os ditos e os não-ditos

A discussão sobre o tema da Avaliação para Aprendizagem é sempre oportuna, necessária e importante porque envolve um olhar diagnóstico e afetuoso para o processo de *aprendizagem* *em* *si*, e segue no acompanhamento contínuo das diversas ações e intervenções necessárias em prol da melhoria das aprendizagens.

Autores da área de Avaliação — já referidos neste trabalho — atribuem a Avaliação como grande aliada do processo de *ensino* *aprendizagem* (ESTEBAN, 2003). Estes/as concebem a Avaliação como ação dinâmica e processual, diferenciando-a da realização de atividades pontuais. No ato de avaliar, precisamos planejar ações que se iniciam com a compreensão de um contexto e a definição do objetivo de aprendizagem, aliado ao objeto que se deseja conhecer e indissociável dos critérios de aprendizagem pois, o mais importante é oportunizar aprendizagens múltiplas e de todos os sujeitos envolvidos no processo (educandos/as, educadores/as e demais profissionais da Educação).

No ato de examinar, o instrumento é definido e os resultados encontrados revelam quantitativamente se o sujeito envolvido conseguiu alcançar determinadas metas, geralmente destacando os equívocos (“erros”) cometidos. Nestes processos examinatórios ganham destaque as notas e os resultados, as classificações e os ranqueamentos, o quantitativo das aprovações e reprovações.

O fato é que, na concepção do avaliar, a referência e ênfase são nas ações de acompanhar, investigar, incluir e mediar a construção de aprendizagens. Enquanto a concepção do examinar está pautada em averiguar, classificar, comparar, julgar, mensurar, nivelar, quantificar, ranquear, selecionar, testar, verificar a partir de atividades pontuais que geram resultados. Essa última concepção é a que mais se faz presente nas instituições educacionais, favorecendo a naturalização de uma Pedagogia do Exame (LUCKESI, 2011) que tem sido desenvolvida nas salas de aula, por isso, se fala muito em “testar” e “medir”, ações próprias do exame.

Feitas essas considerações e de modo a analisar alguns elementos acerca da Avaliação apresentados nas HQ, tais como as práticas, instrumentos e concepções, atentamos aos elementos associados aos atos de avaliar ou examinar. Nessa perspectiva, passamos a explorar as histórias em quadrinhos, a partir de análises que permitem a identificação e problematização de tais elementos voltados à área da Avaliação. A saber, cada HQ recebeu um título relacionado à interpretação que realizamos acerca dos temas

da Avaliação, e da ideia veiculada, de forma implícita ou explícita, pelos personagens Armandinho e Mafalda.

Figura 1: Armandinho e a construção do conhecimento



Fonte: Beck (2014). Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho>. Acesso em: 12 abr. 2020.

Na figura 1, intitulada **Armandinho e a construção do conhecimento**, podemos analisar dois elementos importantes da Avaliação: os conhecimentos prévios e a perspectiva do “erro” (equivocado). Os saberes prévios devem ser aproveitados, para isso que a Avaliação diagnóstica deve contribuir, inclusive para que possamos refazer o (re)planejamento da Avaliação, sabendo o que os/as educandos/as já sabem e o que ainda precisam aprender. E a falta de compreensão e sensibilidade acerca dos conhecimentos já existentes é que fazem o/a educador/a não considerar uma resposta ou uma formulação de nova ideia do/a educando/a. Enquanto educadores/as, sabemos que os conhecimentos são resultantes do conjunto de relações sócio-históricas e culturais, por isso mesmo não devemos desconsiderar as argumentações e questionamentos apresentados, quando surgirem.

Quando se pratica o ato de avaliar também se exercita o encorajamento do sujeito que pode, cada vez mais, se desenvolver, melhorar e aprender. Enquanto o ato de examinar finaliza a ação com os resultados, não permitindo a retomada e melhoria e, às vezes, paralisa o desenvolvimento das aprendizagens. Na prática do exame não se encoraja o sujeito, mas há uma espécie de sentença de aprendizagens e “não-aprendizagens”. No ato de avaliar não existe o status de “não-aprendizagem”, pois sugere-se dizer que o sujeito “ainda” não construiu determinada aprendizagem. O termo “ainda” é um advérbio de tempo importante porque inaugura uma possibilidade, uma esperança de que as

aprendizagens ainda serão construídas no tempo e nas condições específicas de cada sujeito.

Na figura 1, há um diálogo sobre a construção de conhecimentos que envolve Armandinho e uma pessoa adulta que pode ser representada pelo/a pai/mãe ou pelo/a educador/a. A pessoa adulta fala com certa obviedade de que Armandinho não conseguiu responder “corretamente” algo tão óbvio. Contudo, não foi respeitado o conhecimento que o garoto possui sobre o que é “essencial à vida de todos os seres vivos e começa com a letra A”. Para o garoto de cabelos azuis, o Amor é essencial à vida, e isso faz parte dos conhecimentos prévios ou subsunçores.

Os subsunçores são definidos por David Ausubel (1968) como os conhecimentos prévios já existentes sob os quais podemos ancorar novos conhecimentos, contribuindo para a construção das aprendizagens significativas. Assim, estamos defendendo uma prática avaliativa que não seja fixada no modelo propedêutico, na ideologia do treinamento que tenta a perfeição das práticas. Ao contrário, estamos em defesa de uma prática avaliativa que utilize conceitos que tenha sentido e significado para o sujeito e que não seja superficial, internalizado por algumas horas, mas que seja apreendido como conhecimento.

Acerca da resposta que Armandinho elabora ao ser questionado, podemos analisar sob duas concepções diferentes. Na concepção do exame, a “resposta” é considerada “errada” porque no gabarito de respostas esperadas, o que é “essencial à vida dos seres vivos” é a água. Uma obviedade, já que faz parte do conteúdo estudado na área de Ciências e que está contido na atividade avaliativa de Ciências Naturais, logo “é óbvia a resposta”. Mas não é bem assim, porque na concepção do avaliar, a construção dos conhecimentos não ocorre fora das vivências, experiências e relações interpessoais; dessa forma, a resposta “amor” pode ser referida a algo que é “essencial à vida dos seres vivos e inicia com a letra A”.

Vale ressaltar que não estamos defendendo que toda resposta deve ser aceita como correta ou possível, mas avaliar sem considerar o contexto não representa Avaliação para Aprendizagem. Se considerarmos que a única resposta correta e aceitável seja “água”, o resultado de Armandinho seria “zero” e ele seria excluído do processo. Contudo, se dialogamos com o/a educando/a, podemos investigar como pensou, o que sabe e o que ainda precisa ser feito para que sejam construídas aprendizagens significativas e científicas.

Como educadores/as, precisamos exercitar o diálogo investigativo para readequar as situações-problemas utilizadas nas atividades avaliativas, a fim de ampliar as possibilidades de aprendizagens dos sujeitos para evitar que esses/essas se coloquem no grupo dos “fracassados”. O traço do “fracasso” é específico da Avaliação Classificatória que “configura-se com as ideias de mérito, julgamento, punição, recompensa, exigindo distanciamento entre os sujeitos que se entrelaçam nas práticas escolares cotidianas” (ESTEBAN, 2003, p. 15). Não sabemos se o mais danoso neste processo é o julgamento do sujeito por terceiros (a pessoa adulta dos quadrinhos analisado) ou, o autojulgamento como autopunição (de Armandinho) de alguém que não se reconhece como construtor de conhecimentos. Então, podemos analisar a Avaliação nessa mesma figura como prática de classificação (examinar) ou prática de investigação (avaliar).

A avaliação como prática de classificação atua no sentido de selecionar os que *sabem* e os que *não-sabem*, tratando *saber* e *não-saber* como polos com valores opostos. Como prática de investigação, a avaliação encontra no *saber* e *não-saber* momentos que interagem na construção de conhecimentos. Na perspectiva da investigação, prioriza o *ainda não-saber*, que envolvem os *saberes* já consolidados e os *não saberes*, anunciando conhecimentos emergentes, em processo de construção ou novos conhecimentos que se revelam necessários e/ou possíveis (ESTEBAN, 2006, p. 166, grifos da autora).

Percebemos na afirmação da autora que nossa prática avaliativa precisa considerar o conjunto de saberes já acumulados e, mesmo que determinada resposta ou ideia não esteja totalmente “alinhada” ao “gabarito”, podemos nos perguntar quais conhecimentos já foram sinalizados e quais outros precisam ser construídos. Ao invés de adotarmos apenas um olhar de sentença para resposta (certa ou errada) na concepção examinatória, podemos andar na contramão disso e investigar quais são os subsunçores (conhecimentos prévios) que contribuirão para a construção e desenvolvimento das aprendizagens.

Quando desenvolvemos práticas investigativas, combatemos o medo que o sujeito tem de errar e de ser punido. Como adverte Luckesi (2011, p. 192) são “hábitos criados pelo medo que, com certeza, não serve para nada mais do que garantir uma submissão internalizada. Por medo, tolhe a vida e a liberdade, criando a dependência e a incapacidade para ir sempre em frente”. Em contrapartida, se as nossas ações são de encorajamento do sujeito, este se desprende, ousa, avança, se desenvolve com mais autonomia e confiança para dar conta do objetivo proposto.

A Avaliação para Aprendizagem é coerente com a proposta de Avaliação como prática de investigação porque não se basta com os resultados (Avaliação classificatória/exame), mas os investiga para que, a partir deles, se possa retomar possíveis conteúdos não compreendidos e investir a fim de que outras aprendizagens sejam construídas.

Figura 2: Armandinho e as notas escolares



Fonte: Beck (2019). Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

A figura 2 — que intitulamos **Armandinho e as notas escolares** — reflete a preocupação com as notas e resultados escolares. Em princípio, é necessário enfatizar que temos defendido que as notas não medem a aprendizagem do sujeito! Trata-se de uma falsa ideia de que a Avaliação serve para dar/emitir notas/conceitos/menções. Cumpre ressaltarmos que a concepção de Avaliação presente nessa última dimensão é do exame, e a mesma difere da dimensão a qual defendemos: Avaliação para Aprendizagem com perspectiva de Avaliação dialógica, emancipatória e crítica ou, simplesmente, prática investigativa.

Luckesi (2014) escreveu uma obra intitulada “Sobre notas escolares: distorções e possibilidades” na qual discute detidamente os equívocos que surgem a despeito das notas e dos resultados esperados em sala de aula. E assinala que “as notas escolares atuam de forma livre e independentemente da efetiva qualidade da aprendizagem dos educandos, à semelhança da mercadoria [...]” (LUCKESI, 2014, p. 84). As notas não comprovam que

houve aprendizagem de algo e podem, inclusive, deturpar uma realidade, como é o caso dessa HQ em que Armandinho afirma que tirou 10,00 (dez) em Português e Matemática, sabendo que a vogal “e” na frase pode representar uma conjunção aditiva.

Algumas escolas têm adotado essa prática de fazer duas atividades avaliativas de áreas diferentes e, somando as pontuações, resultam outra nota que poderia representar o conhecimento, portanto, maquiando um resultado. No entanto, nosso compromisso enquanto estudiosos/as e pesquisadores/as da área de Avaliação é desmistificar esse equívoco e contribuir para a ampliação do conceito de avaliar, superando, nos/as educadores/as, o entendimento de que notas, representadas por números ou letras, devem ser vistos como sinal de aprendizagem ou de “não-aprendizagem”. Segundo Esteban (2003, p. 22-23) “[...] os números ou letras não retratam cada um de seus alunos e alunas, que o resultado apresentado não corresponde a todo seu empenho, em nada disso cabe intensidade do *aprenderensinar*³. As notas, os conceitos, as fichas, são apenas aproximações, traduções, recortes, limites”.

A Avaliação é uma ação mediadora do processo de *ensinoaprendizagem*, de modo que possamos sempre maximizar as aprendizagens de todos os sujeitos. Por isso dizemos que a Avaliação é processual e, portanto, não cabe associar conhecimento e aprendizagem às notas resultantes de determinada atividade avaliativa. E como apontou a autora, podem ser sinalizações e/ou recortes de uma realidade e não a comprovação dela.

Segundo Luckesi (2018, p. 66) as notas e o “uso de resultados da avaliação tem como ponto de partida uma classificação de todos os participantes da investigação avaliativa [...]”, e nestes termos não diz respeito à concepção de avaliar para aprender, tão somente servem para tentar “provar” ou “comprovar” os conhecimentos do sujeito. Por isso o autor rechaça essa ideia de que nota representa a aprendizagem, assim como outros estudiosos da área (ESTEBAN, 2003; ROMÃO, 2011; HOFFMANN, 2014).

A história em quadrinhos sobre notas escolares também representa uma “prestação de contas” sobre as atividades avaliativas, especialmente porque para os pais/responsáveis a nota ainda é muito valorizada e, por vezes, até mais relevante do que o caminho trilhado para a construção dos conhecimentos. Essa tal “prestação de contas”

³ O termo condensado tem sido utilizado por Esteban (2003) para não fazer distinção dos processos de aprender e ensinar e, também, para incluir definitivamente o/a educador/a no ato avaliativo, uma vez que na literatura que trata de Avaliação, recorrentemente se reporta à “avaliação do/a estudante” ou ao “desenvolvimento do/a aluno”.

também decorre de uma pressão que os pais/responsáveis fazem sobre os/as educandos/as. Naturalizaram-se narrativas com educandos/as que apresentam notas finais consideradas “altas” ou “excelentes” para seus pais/responsáveis e como resposta escutam que não realizaram nada além da obrigação de estudar. Mas há de se ressaltar que a nota existe apenas em decorrência de uma convenção do sistema educacional conservador que, secularmente, têm adotado como parâmetro para aprovação/reprovação. De tal modo que utilizam uma “nota de corte” ou uma “média” que funciona como “passaporte” para progressão nos níveis/etapas escolares.

Para Hoffmann (2014, p. 13) “ao avaliar, efetiva-se um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem sempre por um longo tempo e se dão em vários espaços escolares, procedimentos de caráter múltiplo e complexo tal como se delineia um processo”. Neste contexto, não podemos afirmar que houve Avaliação quando foi utilizado um único instrumento/procedimento, em contexto de tempo e de espaço específicos, pois o ato de avaliar decorre de um conjunto de ações articuladas em torno do conhecimento. Bem como não é possível vincular notas e resultados à realização da Avaliação.

A prática da Avaliação não é um ato solitário do/a educador/a que “sabe o que é o melhor” para o/a educando/a. É um ato participativo no qual todos/as são co-responsáveis pela Avaliação, decidem os critérios e sua forma de organização porque deve ser com todos/as e para todos/as os/as envolvidos no processo de *aprenderensinar*. A propósito, destacamos que quase não se fala em Avaliação para Aprendizagem do/a educador/a, mais especificamente sobre as práticas que este/a profissional desenvolve. Por isso é preciso repensar que tais práticas avaliativas precisam ser avaliadas para que sejam propostas melhorias, por isso mesmo que se pode falar em Avaliação para Aprendizagem ou Aprendizagem para Avaliação.

Nesse contexto, Luckesi (2011) problematiza o que seria o “aprender a avaliar”. Para o autor “[...] significa aprender os conceitos teóricos sobre avaliação, mas, concomitante a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos do cotidiano. Aprender conceitos é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática” (p. 30). Vale esclarecer que não se trata apenas de mero trocadilho e alternância na ordem das palavras, ambas estão conectadas e não prescindem de um exercício reflexivo para fazer sentido em

suas práxis, atentando-se que as práxis são decorrentes da indissociabilidade da teoria com a prática.

Em suma, precisamos aprender o que é avaliar a fim de praticarmos uma Avaliação comprometida com a construção das aprendizagens de todos os sujeitos envolvidos (educando/a, educador/a e demais profissionais da Educação), de modo a favorecer uma prática inclusiva, democrática, dialógica, emancipatória e formativa da Avaliação.

Figura 3: Mafalda e a ideia de medida



Fonte: Quino (2018). Disponível em: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/desinteresse-geral/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

A partir da interpretação da Figura 3, intitulada **Mafalda e a ideia de medida**, a concepção de Avaliação é associada à ideia de medida, ou seja, amparada na concepção de examinar. Outrossim, para Haydt (1991) há diferença entre testar, medir e avaliar. Segundo a autora, “testar significa submeter a um teste ou experiência” (p. 09); enquanto que “medir significa determinar a quantidade, a extensão ou o grau de alguma coisa, tendo por base um sistema de medidas convencionais” (p. 09); já “avaliar é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores” (p. 10). Contudo, na explicação da autora avaliar se apresenta de forma confusa tendo em vista que avaliar não é julgar, portanto não deve ser interpretada com a finalidade de estabelecer juízo de valores que implicam em examinar. Avaliar é acompanhamento, é processo.

Avaliar e examinar estão em lados opostos na prática avaliativa, pois a finalidade de avaliar é promover aprendizagens, enquanto que ao examinar, pretende-se os melhores resultados possíveis. Entretanto, a aprendizagem nem sempre está aliada à resultados, uma vez que alguém pode apresentar um resultado “satisfatório” em determinada situação devido a adoção de técnicas de memorização, por exemplo, que lhe favoreceu quando participou de uma etapa de um exame, vestibular ou concurso. Trata-se de uma prática examinatória muito comum nas salas de aulas, na qual se recorre a técnicas de repetição para memorização e posterior reprodução de uma definição ou conceito. Em tais situações, os conhecimentos passam pela aferição, mensuração que é, por fim, representada com símbolos (números ou letras) que constituirão notas, conceitos ou menções.

Segundo Romão (2011, p. 77) “medir significa registrar e atribuir símbolos às dimensões de um fenômeno, a fim de caracterizar-lhe a posição ou o *status*”. Isso significa que avaliar não corresponde a medir e Mafalda exemplifica quando faz a relação comparativa entre o tamanho de uma corda e o diâmetro de sua cabeça e se questiona: “será que aqui cabe tudo o que vão me meter na cabeça?”. A garota de seis anos problematiza o conceito de caber e traz à tona a ideia de Educação Bancária, tão criticada por Freire (2011), aludida como ação de depósito, caracterizada como imposição do conhecimento realizado/a pelo/a educador/a direcionado para o/a educando/a.

Quando observamos detidamente a imagem de Mafalda com olhar inquieto para a corda que tem em suas mãos e a problematização explícita que levanta acerca da quantidade de conhecimentos que tentarão depositar em sua cabeça, alude-se aquilo que Freire (2011) denunciou como prática verticalizada de ensino de quem julga que muito sabe (educador/a) para quem não sabe (educando/a). Se a prática pedagógica e, portanto, prática avaliativa, é organizada a partir desse pensamento dicotômico, as desigualdades sociais e educacionais se tornam maiores e mais evidentes porque favorecem o fracasso escolar. Isso é tão real que faz parte da relação pedagógica a busca pela validação dos conhecimentos produzidos, comum em frases do tipo: “Professor/a, está certo?”; “Professor/a, é assim que você quer que faça?”.

Por esse motivo, ao analisarmos Mafalda examinando e se indagando sobre a medida da corda, que corresponde à porção quantitativa de informações, conteúdos, ideias, definições e conceitos que serão colocados ou depositados em sua cabeça,

relacionamos às práticas examinatórias. Para Luckesi (2018, p. 167) “os exames escolares são praticados para que os resultados sejam utilizados no modelo ‘seletivo’, o que quer dizer que os resultados dos exames são empregados de maneira exclusiva para aprovar ou reprovar o estudante em sua aprendizagem”. Isto significa que a finalidade última das práticas examinatórias é selecionar, dar uma sentença acerca da aprovação ou reprovação. Por isso, o autor encerra sua crítica dizendo que “os exames são úteis e apropriados para concursos, não para os atos de ensinar e aprender” (LUCKESI, 2018, p. 167).

Figura 4: Mafalda e o “óbvio”



Fonte: Quino (2014). Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

A figura 4, intitulada **Mafalda e o “óbvio”**, revela a importância de se trabalhar a contextualização e apresentar questões objetivas, sem enunciados prolixos, e que permitam interpretações “sem pegadinhas”. O diálogo apresentado na história em quadinhos é marcado pelo “óbvio”, mas que pode ser interpretado como “pegadinha” do/a educador/a que não colocaria uma questão tão fácil, tão boba, tão simples como essa sobre “João Ninguém”. Após a explicação de Mafalda, o personagem Manolito considerou a sua resposta como “errada” na atividade avaliativa, indicando a possibilidade de múltiplas interpretações acerca da mesma pergunta.

A escolha do instrumento avaliativo configura-se como elemento fundamental para o desenvolvimento do processo de *aprendizagem* *em* *sino* com os sujeitos envolvidos, bem como para a construção das questões problematizadoras. O cuidado na formulação do instrumento e critérios avaliativos implicam na construção dos objetivos de cada atividade avaliativa que, por sua vez, precisam fomentar análises críticas e discussões contextualizadas. Contudo, parece que não há uma coerência entre as atividades

cotidianas e as atividades previstas na Avaliação Formal, referida por Manolito como “prova de História”.

De acordo com Luckesi (2018, p. 248, grifos do autor), muitos problemas ocorrem quando “os instrumentos [avaliativos] não são elaborados de tal forma que solicitem *simples e diretamente* aos estudantes o que eles deverão manifestar tendo em vista demonstrar que aprenderam o que fora ensinado”. Isso é comum quando as atividades diárias são muito fáceis de resolver, já que todos se sobressaem muito bem; entretanto, quando as atividades formais de Avaliação são difíceis, podem interferir, negativamente, na construção das aprendizagens. Por isso é preciso manter um planejamento coerente com o contexto avaliado, buscando fazer as adaptações possíveis para cada ano/etapa/segmento/modalidade de Educação, respeitando-se as características de cada realidade educacional.

Alguns autores (MORETTO, 2001; VILLAS BOAS, 2007; LUCKESI, 2014) alertam para os cuidados na elaboração de um instrumento/procedimento avaliativo que deve considerar a diversidade e o rigor metodológico para não incorrer em problemas corriqueiros que acarretam muitos entraves e problemas na atividade pedagógica.

Há professores que mantêm banco de questões, para que escolham as que vão incluir em futuras provas. Nesse caso, eles pensam em ter o seu trabalho facilitado, não levando em conta, em primeiro lugar, a aprendizagem do aluno. Aplicadas as provas, elas são corrigidas e os seus resultados apresentados aos alunos. Há escolas que não devolvem as provas aos alunos, porque usam os seus itens em instrumentos aplicados em outros momentos, para outros grupos. Esse procedimento torna a avaliação mecânica e desapropria o aluno do seu trabalho (VILLAS BOAS, 2007, p. 24).

No excerto em tela, a autora sinaliza um velho problema que até os dias atuais é recorrente nas escolas, mas que precisa ser transformado: fala-se em banco de questões padronizadas quando nos reportamos aos exames. O ato de avaliar, ao contrário, prescinde da tomada de decisões coletivas no qual se leva em consideração as características daquele contexto educacional. Por isso que não se pode pensar que um tipo de atividade avaliativa (que a autora exemplifica como “prova”), construída em outro momento, para um conjunto de pessoas diferentes, possa atender às necessidades formativas de um novo grupo de pessoas. Os conhecimentos mudam, as pessoas também, não se justificando a manutenção/reprodução das Atividades Avaliativas com questões elaboradas há tempos.

Didaticamente, Luckesi (2014) apresenta fragilidades na construção de alguns instrumentos avaliativos: i) ausência de sistematicidade; ii) ausência de linguagem compreensível; iii) incompatibilidade entre o ensinado e o solicitado; iv) carência de precisão. Por isso, o mesmo autor alerta que garantir nas atividades avaliativas a presença destas características é imprescindível para acompanhar a construção das aprendizagens, uma vez que a ausência, como já sinalizado, pode provocar efeito contrário e passar uma ideia equivocada de que não houve aprendizado. Como é o caso implícito nas histórias em quadrinhos, quando a resposta parece ser óbvia para a pergunta sobre quem é “João Ninguém” e Mafalda sutilmente responde que é “um homem qualquer, que não é nada”.

Paulo Freire falou sobre a obviedade e se antevio a dizer que “o óbvio não é tão óbvio assim” (1985, p. 92). Se conciliarmos essa enunciação às atividades avaliativas, podemos assegurar que nem sempre as respostas elaboradas estão de acordo com as perguntas realizadas, porque o enunciado pode não trazer a obviedade que se esperava. Por isso é muito importante levar a sério as características propostas por Luckesi para evitar a fragilidade do ato avaliativo.

A figura 3 apresenta um diálogo entre Manolito e Mafalda e a mediação de uma pergunta, evidenciando que, às vezes, uma pergunta mal elaborada pode provocar interpretações que dependem da vivência de quem a responderá. Nessa direção, Moretto (2001, p. 51) alerta que na atividade avaliativa devemos saber elaborar as questões e sugere que “quando um professor elabora uma pergunta ele o fará dentro do contexto de seus conhecimentos, que provavelmente não será o mesmo do contexto dos alunos que receberão a mensagem”. Assim, se o enunciado não for claro e objetivo e se possuir “arapucas” e pegadinhas, fatalmente os resultados serão desanimadores porque indicarão que não houve aprendizado.

A Avaliação para Aprendizagem nos permite compreender a importância de tomarmos a Avaliação como atividade processual e diária com retomadas, exemplificações, orientações que representam a mediação para favorecimento do processo de construção das aprendizagens. Vale reiterar que a aprendizagem não é pontual ou relacionada apenas com uma atividade avaliativa específica, mas se apresenta como dinâmica e contínua, na qual cada sujeito possui seu espaço-tempo próprio para aprender, de modos diferentes.

Os significados atribuídos à Avaliação decorrem da influência de diferentes contextos, espaços e sujeitos envolvidos no processo. Buscamos evidenciar neste artigo, a partir da análise das histórias em quadrinhos apresentadas, seu potencial para fomentar a discussão acerca da Avaliação, atentando-se para a desmistificação das equivocadas concepções, sobre o avaliar ante o examinar, bem como a fundamental importância a ser atribuída aos elementos fundamentais da Avaliação (critérios, instrumentos/procedimentos avaliativos).

CONSIDERAÇÕES CONTEXTUAIS

As histórias em quadrinhos de Armandinho e Mafalda utilizadas na produção deste trabalho constituíram contextos com potencial para provocar o diálogo acerca das concepções que permeiam as práticas avaliativas, tanto na perspectiva do avaliar quanto do examinar, uma vez que nem sempre nos damos conta dos tensionamentos, contradições, repetições que tais concepções veiculam.

O desafio posto por meio da vivência que originou este texto foi o de não somente identificar a qual concepção se filiavam as situações representadas pelas HQ acerca da Avaliação. Outrossim, visamos provocar reflexões para o (re)conhecimento desse recurso como objeto de/para discussão e compreensão da Avaliação enquanto aposta e proposta fundante para a promoção e melhoria das aprendizagens, contrapondo-se a práticas que, sob o pretexto da objetividade, da justiça e da igualdade, selecionam, classificam e excluem.

Na análise realizada do conjunto das histórias em quadrinhos que serviram de base para este trabalho, nas quais a Avaliação é referida como prática ou representação, sintetiza-se que a Avaliação aparece muito mais ligada à concepção de examinar. Com efeito são representações acerca de algo que perdura e que, portanto, tem se apresentado como empecilho a adesão ao ato de avaliar como projeção de ampliação das aprendizagens.

Vale salientar que a natureza formativa da vivência, a priori, experienciada, da qual originou-se este trabalho, foi considerada em sua dinâmica de leitura, trocas sugestivas, expressão de entendimentos e produção de sínteses. Nessa direção, os/as participantes das atividades formativas, tendo por base a provocação feita pelas histórias em quadrinhos

reafirmaram o quão potente pode ser esse tipo de material. Serve para articular a leitura de textos acadêmicos, tomar consciência de discursos implícitos que são enunciados e que, se não forem problematizados, poderão ser reproduzidos, inclusive em sua dimensão de práticas como se fosse um caminho razoável a ser seguido.

Conforme anunciamos, o objetivo deste ensaio foi estudar e aprofundar dois conceitos centrais no tema da Avaliação: avaliar e examinar a partir das histórias em quadrinhos dos personagens Armandinho e Mafalda, figuras gestadas por um brasileiro e um argentino, respectivamente. Nestes termos, nosso interesse foi colocar em discussão o tema Avaliação para Aprendizagem a partir de quadrinhos, fontes ainda pouco exploradas neste campo de estudos. Observamos a riqueza do material quando relacionado às concepções de examinar ou avaliar, bem como temas que lhes são decorrentes: seleção, mensuração, treinamento, repetição, memorização, notas escolares, juízos de valor, processo e critérios de Avaliação.

A conclusão a que chegamos é que ainda existe uma prevalência da atividade examinatória com foco na seleção, classificação, notas e resultados, conforme evidenciamos nas análises das histórias em quadrinhos. Contudo, o elemento irônico e crítico presente neste gênero textual cumpre o papel provocador e problematizador, por meio das inquietações apresentadas por seus personagens (Armandinho e Mafalda) que adotam, igualmente, postura questionadora e inconformada mediante práticas avaliativas excludentes. As representações funcionam como contestações de velhas práticas (ato de examinar) e súplicas pela transformação comprometida com a concepção de avaliar para aprender, que, reiteradamente defendemos: Avaliação para Aprendizagem.

Por fim, reafirma-se por meio deste trabalho, a necessidade de se discutir/praticar a Avaliação de modo sistemático e intencional, atentando-se aos contextos das aprendizagens na Educação em suas dimensões formativas e de finalidades, sobretudo quando tratamos de formação de educadores/as. Ademais, há de se registrar que o objetivo proposto para este estudo foi contemplado, embora reconheçamos que a análise aqui realizada poderá ser conduzida por outros/as pesquisadores/as, sob múltiplas perspectivas, com novas possibilidades de leitura, inclusive, motivada por outros interesses de pesquisas.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David. **Educational psychology: a cognitive view**. Nova York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968.

BECK, Alexandre. **Armandinho e a construção do conhecimento**. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

BECK, Alexandre. **Armandinho e as notas escolares**. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

CARVALHO, Beatriz Sequeira de. **O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos**. 2017. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/D.27.2017.tde-31102017-123128. Acesso em: 08 jul. 2020.

ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra: reflexões sobre avaliação e fracasso escolar**. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ESTEBAN, Maria Teresa. Ser professora: avaliar e ser avaliada. In: ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 13-36.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1991.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **O jogo do contrário em avaliação**. 9 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Sobre notas escolares: distorções e possibilidades**. São Paulo: Cortez, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação em Educação: questões epistemológicas e práticas**. Salvador: Cortez, 2018.

MARINO, Daniela dos Santos Domingues. **A Crítica Política e Social nas tiras de Armandinho: um retrato da atualidade brasileira**. 2018. Disponível em: <https://minasnerds.com.br/2018/11/28/armandinho-e-a-censura-estamos-com-voce-menino/?fbclid=IwAR2zcoCkjFaXhBm404qGtL8c-Qwmq-pdjVwYePQM3xLENJRC22uvHSnYFvY>. Acesso em: 14 abr. 2020.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista Saúde Pública**, n. 29, v.4, 1995, p.318-325. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n4/10.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.

QUINO. **Mafalda e “o óbvio”**. Clube da Mafalda, [s.l.], 22 jul. 2014. Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

QUINO. **Mafalda e a ideia de medida**. Brasília: Correio Braziliense, 2018. Disponível em: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/desinteresse-geral/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. 9.ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2011.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. As histórias em quadrinhos no limiar de novos tempos: em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado. **Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual I, Faculdade de Artes Visuais I UFG**. Goiânia-GO: UFG, v. 7, n. 1, p. 14 - 41, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18118>. Acesso em: 10 jul. 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos; RAMOS, Paulo Eduardo. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo, Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos; SANTOS, Roberto Elísio dos. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr., 2012. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=eccos&page=article&op=view&path%5B%5D=3498&path%5B%5D=2269>. Acesso em: 08 jul. 2020.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Avaliação na escola**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (org.). **Avaliação formativa: práticas inovadoras**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (org.). **Conversas sobre Avaliação**. Campinas, SP: Papirus, 2019.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. **Darandina Revisteletrônica**, v. 10, p. 1-19, 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2018/01/Artigo-Glayci-Xavier.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

Recebido em: 19/05/2020

Parecer em: 01/07/2020

Aprovado em: 13/07/2020